

## TERRITÓRIOS

Em um livro praticamente desconhecido do público brasileiro, talvez porque contemple ensaios teóricos e não sua prodigiosa ficção. Julio Cortazar, que tanto amava o jazz como as artes plásticas, abordou artistas e suas obras. O nome do livro era "Territórios", e o primeiro capítulo, "Um país chamado Alechinsky". versava sobre a obra de um dos protagonistas do grupo Cobra.

"Territórios" é uma exposição inspirada na argumentação de Cortazar, já implícita no título desse capítulo, de que analisar uma trajetória artística à luz de tendências e movimentos é uma forma segura de reduzir sua complexidade. Uma crítica aos entusiastas do nominalismo, que antes mesmo de examinar a obra de um artista qualquer já a rotulam como Impressionista, Neoconcreta, Minimalista, Expressionista etc. Cada obra de arte digna deste nome, defendia Cortazar, equivale a um país. Visitá-lo significa abandonar a confiança cega nos guias de viagem para abrir-se às surpresas, previsíveis quando se percorre um território único, ainda que dotado de aspectos semelhantes a outros territórios.

"Territórios", mostra que encerra um ciclo de quatro exposições ocorridas neste semestre no Instituto Tomie Ohtake, reúne nove entre nossos melhores artistas. Nove artistas firmemente empenhados em fundar seus próprios territórios. São eles: Carmela Gross, Flávia Ribeiro, Angelo Venosa, Elida Tessler, Milton Machado, Lia Menna Barreto, Marcelo Reginato, Dora Longo Bahia e Cao Guimarães. Um conjunto sólido, heterogêneo e que, se por um lado não esgota nossa paisagem, de outro dá conta da sua riqueza e vastidão.

Adiante-se que "Territórios" é uma exposição composta por poucas mas significativas obras desses artistas. E é fato que quem se disponha a passar os olhos pela trajetória de cada um deles rapidamente concluirá que, além de prolíficos, todos apreciam a diversidade de suportes expressivos. São, pois, artistas numa acepção ampla, isto é, não se definem como pintores, escultores, gravadores, fotógrafos etc.

Entre eles, há quem desenhe, pinte e fotografe. Há quem, além disso, realize performances e filmes. E, por fim, há quem transite por essas modalidades e outras de difícil classificação.

Pois é previsível que diante dessa variedade alguém reclame do despojamento adotado para a exposição. Não importa. O que deve ser ressaltado é que cada uma das obras expostas nos coloca problemas do maior interesse, sendo essa a razão pela qual foi escolhida. E mesmo quando acontece dela destoar do conjunto ao qual pertence originalmente, como em mais de um caso aparentemente acontece, fica o duplo lembrete que os territórios são mais ou menos acidentados, com orlas estéticas sujeitas às variações das marés, e que a hibridiz é uma intercorrência típica de trajetórias em processo, sobretudo no caso de trajetórias como essas, realizadas a contrapelo da clássica noção de estilo, isto é, sem que os artistas se preocupem em constituir um vocabulário formal singular e rapidamente identificável.

"Territórios" acompanha a orientação que ultimamente tenho dado a minha prática curatorial e que consiste em optar por duas saídas quando no caso de mostras individuais ou coletivas: ou realizar individuais simultâneas, como o caso de "Do conceito ao espaço", terceira mostra deste ciclo de exposições e que reuniu obras de Regina Silveira e Eduardo Coimbra em duas salas separadas, ou mostras como esta, em que são apresentadas poucas obras, escolhidas em função de sua potência. Deduz-se desta última consideração que o conceito de "território" refere-se não só às obras produzidas ao longo de toda uma vida como também, como acontece em alguns casos, a uma obra em particular. As obras apresentadas em "Territórios" são, a meu ver, suficientemente perturbadoras e substantivas para serem capazes de alimentar a sensibilidade do espectador.

Caminhando na contracorrente do excesso de informação, típico das megaexposições, "Territórios" aposta na qualidade das obras, predicado que vem a tona quando, como é o caso, elas são apresentadas num espaço generoso, e de tal modo que a presença de uma não compromete a fruição das que lhe são vizinhas, ao contrário, as potencializa. Corre-se o risco de que essa posição curatorial seja encarada como tímida em demasia. Nada a objetar. Nesses tempos em que os mais variados agentes - dos curadores aos cenógrafos - lançam-se em defesa da arte oferecendo a ela seus dotes autorais, ela, que a nosso ver não anda, como nunca andou, a precisar desse socorro, mais do que nunca deve ser deixada aos seus próprios cuidados. A obra de arte necessita apenas de visibilidade e adequação ao espaço, que o resto, o entendimento com o seu público, ela fará sozinha. Vai daí que a timidez é tática. Diria mesmo que a discrição é hoje, paradoxalmente, a saída mais ousada.

Ainda que diferentes entre si tanto na forma quanto ao conteúdo, os trabalhos exibidos nessa exposição - esculturas, instalações, pinturas, filmes e performance - possuem pontos em comum, razão pela qual foram reunidos. Percorrendo as salas, o espectador notará que por vias diversas, eles abordam o corpo, a paisagem e a linguagem. Apresento a seguir as obras e seus autores seguindo a mesma ordem com que eles ocupam o espaço expositivo.

## ELIDA TESSLER

Durante meses a artista esperou que seus amigos respondessem ao seu apelo para que enviassem objetos cujos nomes tivessem "dor" como sufixo. Duzentos e setenta objetos lhe chegaram e todos eles foram afixados nas paredes do corredor, obra hoje instalada no meio do caminho que separa as duas salas destinadas a "Territórios". Doador refere-se à relação entre as palavras e as coisas. Uma relação contraditória, evidente na arbitrariedade que a perpassa - afinal, por que este nome e não outro? - e na intimidade que se estabelece entre nós e os objetos, tão logo sabemos seu nome ou o que dá no mesmo, tão logo identificamos sua função. Se a rede de cobre alude a um ardil invisível, ao transitarmos por doador, transitamos por objetos em suspensão, objetos em cujas aparências gastas reconhecemos parte das ações que realizamos cotidianamente.

Prof- Dr. Agnaldo Farias

Curador Geral do Projeto A Recente Trajetória da Arte Brasileira

Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo